

### Mariquita Sánchez: a vida no entre-lugar

Fábio Francisco Feltrin de Souza<sup>1</sup>, UFSC  
[fabio\\_feltrin@hotmail.com](mailto:fabio_feltrin@hotmail.com)

Juan Bautista Alberdi escreveu em suas memórias que “casi toda nuestra literatura liberal se ha producido en el suelo móvil pero fecundo de esa provincia nómada”.<sup>2</sup> Há aí um paradoxo: nossa tradição, via de regra, coloca o exílio como uma desgraça; aliás, como a desgraça por excelência, aquela em que se pode reunir todas as dores. Por outro lado, também coloca o exílio como uma possibilidade positiva, de ser ou de existir como apontou Alberdi. Caída ou partida, a desgraça é inevitável para a constituição do ser.<sup>3</sup> Contudo, não se parte ou se cai de algum lugar; a topografia do ser (ou do saber) é a passagem, é o trânsito; é estar no entre-lugar. Dito de outra maneira, o ser é o próprio centro no ir e vir, no sair e entrar. Heidegger já havia anunciado isso ao escrever sobre a *ex-istencia*, que nada mais é do que viver fora. Nancy aprofunda essa proposição analisando apenas o prefixo *ex* (já que *instância* teria sido abandonada com a fragmentação do sujeito) para dizer que nossa existência é exilada. Dessa forma poderíamos afirmar que toda experiência de vida, de existir, é uma experiência de exílio, de estar na fronteira. Construimo-nos sob o signo do nomadismo, da perda, do sofrimento que muitas vezes toma as vestes do trauma. Para Freud o trauma é a repetição de uma vivência que será elaborada no confronto com a resistência implementada pelo sujeito. Nesse sentido não podemos confundir elaboração com recordação, uma vez que há no trauma uma dimensão do real, ainda que obscurecido pela recordação. Para Lacan o real é o núcleo do trauma ao operar um (des)centramento do sujeito. A escrita do exílio se dá em torno desse trauma para construir uma trama ficcional afim de “romper a resistência da linguagem e escrever o real de uma história”.<sup>4</sup>

Histórias ditas, contadas, escritas. Histórias marcadas pelo seu constante desaparecimento. Palavras que se arrastam e se acumulam como restos fora de seus sulcos tidos como costumeiros. Palavras do exterior como quer Blanchot.<sup>5</sup> Exterior este que não está em oposição ao interior; é o próprio interior estendido a sua condição de exterioridade. De lá Mariquita Sánchez, pertencentes à

---

<sup>1</sup> Doutorando do programa de pós-graduação em história da Universidade Federal de Santa Catarina e Bolsista CAPES. [fabio\\_feltrin@hotmail.com](mailto:fabio_feltrin@hotmail.com)

<sup>2</sup> ALBERDI, Juan Bautista. **Escritos póstumos**: memorias y documentos. Tomo XV. Buenos Aires: Imprenta Juan Bautista Alberdi, 1900, p. 307.

<sup>3</sup> NANCY, Jean-Luc. La existência exilada. In: **Revista Archipiélogo**: cuardenos de crítica de la cultura. n° 26-27, Madrid, 1996, p. 36.

<sup>4</sup> VIDAL, Paloma. **A História em seus restos**: literatura e exílio no Conesul. São Paulo: Annablume, 2004.

<sup>5</sup> BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987, p. 18.

chamada Geração de 1837, armou um enredo para sua vida e para a nação. Uma personagem, como tantas outras, quem em sua singularidade, viveu na fronteira, no limiar, na passagem; estrangeira no mundo. Seu desterro foi encontrado na escrita, na atividade intelectual, cultural e política. Encontrou a grandeza em sua própria vida. Seu diário e principalmente suas cartas constroem uma mulher forte, ilustrada e, melancolicamente, dramatizam sua condição duplamente exilada: fora do seu país em razão dos seus posicionamentos políticos e fora dos padrões do comportamento de mulher. Interlocutora dos jovens revolucionários, ganhava respeito e admiração, principalmente de amigos mais próximos como Gutiérrez. Mariquita Sanchez construiu uma auto-imagem e refletiu sobre a condição feminina. Na verdade, sobre a condição de mulher, de mulher ilustrada num mundo dominado por homens. Condição “imóvel na singularidade da norma ou do mito” ela gira “fantasmática e esplêndida, em torno do limiar de uma vida que se encontra pra sempre exilada”.<sup>6</sup> A cada palavra, a dor. A cada pausa, um suspiro enfraquecido de ser quem se é. Mas que renova as forças, renova a luta na mesma superfície desse ser:

Estoy cansada de lo que veo y sé. Quisiera ignorar todo, vivir en una choza abandonada al destino, y mi destino bizarro me pone siempre al corriente de tantas cosas que me afligen sin poderlas remediar. Mucho he envidiado las mujeres que no pasan de cierta altura, que no comprenden sino lo que pasa en la esfera donde tienen que vivir, para las, que mil goces fáciles de adquirir y que sospechan las penas que se sienten en otras. La elevación de las ideas ya sabes cuánto cuesta lo mejor que lee puede a uno suceder es que lo tomen por extravagante si es hombre y por pedante si es mujer.<sup>7</sup>

Nesse pequeno trecho percorrem signos da transgressão, da potência de ser além, de cruzar a zona fronteira da mulher simplesmente leitora.<sup>8</sup> Narrar-se é um ato político. Esse tipo de escrita pode auxiliar a construir uma cultura de si e estabelecê-la como exercício de auto-reflexão. A capacidade de refletir sobre o que fazemos, em especial sobre o que fazemos de nós mesmos ou o que deixamos fazer conosco é atributo de uma certa condição humana e ela se dá pela linguagem como possibilidade de constante re-invenção do eu. A experiência da escrita é um exercício de transformação desse ser; através dela organizamos o pensamento, reafirmamos e transformamos conceitos. A escrita de Mariquita Sanchez ganha contornos de um desejo autobiográfico, de uma certa literatura de si. Ela tematizou sua existência, narrou seu drama de viver na fronteira, no limiar,

<sup>6</sup> MICHAUD, Stéphane. A mulher. In: FURET, François. *Op. cit.*, p.91.

<sup>7</sup> SÁNCHEZ, Mariquita. *Cartas*, p. 40.

<sup>8</sup> A educação feminina foi alvo de toda uma discursividade, de uma disciplina dos gostos, atitudes e saberes. Essa maquinaria discursiva construiu a imagem da mulher leitora, e apenas leitora, como a companheira ideal dos anti-rosistas. Essa era mulher dos novos tempos. Dessa forma, analfabetas e escritoras configuravam um perigo eminente à construção da nação civilizada. Cf. BATTICUERE, Graciela. *Cartas de mujer: cuadros de una encena borrada*. In: IGLESIA, Cristina. *Letras y divisas: Ensayos sobre literatura y rosismo*. Buenos Aires: EDUBA, 1998.

## Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

no confim. Marcou politicamente sua geração ao afirma-se como ser pensante, como mulher ilustrada. Muitas mulheres miravam Mariquita Sanchez e a transformavam em inspiração. Sua coragem e bravura fascinaram algumas de suas contemporâneas. Pediam-lhe conselhos, opiniões. Manoela Gómez de Calzadilla, por exemplo, escreve a sua amiga lamentando-se das possibilidades proporcionadas à mulher:

Quando yo recuerdo lo puedo que nos han enseñado, generalmente hablando, y observo a presente cuanto se he debilitado. La idea de hacernos progresar, me muero de pena, porque es para mi un principio, que las sociedades se ilustrarían mas pronto se el cultivo de la razón fuera simultáneo en ambos los sexos. (...) espero que cuando tengas um lugarcito me dês tu opinión sobre esto.<sup>9</sup>

A potência de ser, o ato político de Mariquita Sanchez no espaço belicoso da pluma, ganha um contorno binocular. Ela passa a ser a lente interpretativa de uma certa cotidianidade tensa e dramática. Sua opinião é definidora; uma bandeira. A escrita permite a transgressão e reconstrói simbolicamente o lugar privilegiado na vida política; brinda o risco constante de viver e refletir sobre si na exterioridade.

Lendo Sarmiento, outro importante interlocutor de Mariquita Sanchez, Beatriz Sarlo chama atenção para o espaço privilegiado de condensação simbólica assumido pela escrita biográfica. A cada palavra, desenha-se uma arte de eleger não apenas acontecimentos, mas principalmente níveis narrativos capazes de organizar a construção de um sentido<sup>10</sup>. É de Maurice Blanchot, entretanto, a intervenção mais próxima à condição vivida por Mariquita Sanchez. Ao ler Kafka, Blanchot escreve nunca saber se estamos presos dentro da existência cotidiana (e nos voltamos desesperadamente para fora dela) ou se dela estamos excluídos (e por isso nela apoiamonos incondicionalmente)<sup>11</sup>. Há uma fronteira, um limiar invisível e sempre deslocado entre o dentro e o fora, o sair e o entrar, a solidão e o anseio da comunidade. Kafka descreve essa fronteira como um exílio. Exílio que podemos associar ao duplamente experimentado por Mariquita Sanchez.

A fronteira é o lugar dos dramas humanos, onde a vida e a história acontecem. Pensar a vida é pensar a fronteira da vida e por isso exílio e biopolítica seriam conceitos indissociáveis.<sup>12</sup> Giorgio Agamben vai à antiguidade clássica e observa a problemática envolvida na decisão acerca do *status* jurídico do exílio: é o exercício do direito ou a imposição de uma penalidade? Agamben

---

<sup>9</sup> De Manuela Gómez Calzadilla a Mariquita Sánchez. Buenos Aires, 25/09/1841, AZL. Apud. QUESADA, María. Sáenz. **Mariquita Sánchez: Vida política e sentimental**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1997.

<sup>10</sup> SARLO, Beatriz. **Escritos Sobre Literatura Argentina**. Buenos Aires: Siglo XXI editores, 2007, p. 16.

<sup>11</sup> BLANCHOT, Maurice. *Op. cit.*

<sup>12</sup> AGAMBEN, Giorgio. Política del exilio. In: **Revista Archipiélago: cuadernos de crítica de la cultura**. n° 26-27, Madrid, 1996, p. 42.

## Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

responde afirmando que o exílio é o exercício da vida nua,<sup>13</sup> a maneira de pertencimento ao estado de exceção.<sup>14</sup> Nesse sentido o exílio não é nem o direito, nem uma punição. O desterro pode ser chamado de *bando*, antigo termo germânico que designa tanto a exclusão da comunidade, quanto o ordenamento do soberano. Para Carl Schmitt, o soberano é aquele que está, ao mesmo tempo, dentro e fora do ordenamento jurídico, pois ele tem o poder de proclamar o estado de exceção, de suspender a validade da lei para que ela seja possível, para que se estabeleça o estado de direito. É porque ele pode suspendê-la que pode estabelecê-la.<sup>15</sup> Não é possível saber se o exilado está dentro ou fora da lei, já que ele existe no confim, no limiar, na fronteira da própria vida.<sup>16</sup> Agamben, com isso, mostra-nos que o exílio não é uma relação jurídico-política marginal, o exílio é uma zona neutra de indiferença, entre o externo e o interno, entre exclusão e inclusão. Desta forma, afastamo-nos por completo da lógica trágica ou vitimizadora que parte da tradição moderna construiu para o exilado. O exílio é um asilo.

Mariquita Sanchez construiu seu asilo, viveu o fora e a errância ao exilar-se em si; ou melhor, ao refugiar-se, ao habitar, no sentido heideggeriano,<sup>17</sup> sua própria escrita. Em suas cartas há uma mulher múltipla que soube utilizar-se da condição de exilada política para construir-se. Soube o significado de deslizar nos limiares do existir. Suas palavras dançam e manejam aparições, criações de si. Criações estas bastante evidentes nas linhas de uma de suas cartas escrita em 1847, desde o Rio de Janeiro, onde permaneceu por pouco mais de um ano:

Aquí hago parte de la sociedad de cuerpo diplomático. Aquí hay lujo para quien quiere; pero puedes andar muy sencilla también. A mí tienen por francesa unos, otros por española, pero lo gracioso es que todos suponen que he estado en Europa por mis maneras. *Yo les dejo creer.*<sup>18</sup> (Grifo nosso)

O velho continente era uma espécie de lugar quimérico para Mariquita Sanchez. Seus escritos evidenciam um desejo de Europa, uma vontade de ser. Desejo este partilhado por boa parte

---

<sup>13</sup> A origem da expressão “vida nua” remonta a Walter Benjamin e seria a portadora do nexo entre violência e direito. Para Agamben, a relação entre política e vida é marcada pelo poder de decisão sobre o *status* da vida; a decisão que produz a vida nua. A vida nua é a vida apenas na sua dimensão biológica, marcada por ser apolítica e destituída de quaisquer direitos. Cf. AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer**: O poder soberano e a vida nua I. Belo Horizonte: Humanitas, 2007.

<sup>14</sup> Também recolhida de Walter Benjamin a expressão “estado de exceção” é pensado como um artifício do direito instituído em casos extremos, extraordinários, raros. Como o estado de sítio, por exemplo, num período em que a nação (ou estado) esteja passando por grandes dificuldades. Mas o que era uma exceção passa a ser regra tornando a vida, uma vida nua; uma vida de abandono. Cf. *Id.*

<sup>15</sup> Cf. *Ibidem.*

<sup>16</sup> ANTELO, Raul. Limites, limiares. In: [www.periodicos.ufsc.br/index.php/nelic/article](http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/nelic/article), p. 14.

<sup>17</sup> Habitar é construir e também cultivar. Significar deixar-ser, fazer surgir, proteger-se. É o existir na referências com as coisas, traço fundamental do que somos, saber do ser que somos.

<sup>18</sup> SANCHÉZ, Mariquita. **Cartas**, 136.

## Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

de sua geração: Alberdi dizia-se descendente de Cortéz, não de Montezuma.<sup>19</sup> Sarmiento escreveu que a Europa exercia seu domínio cultural sobre todas as partes do mundo, enquanto o resto vivia sob o signo da escravatura, da miséria, privado do verdadeiro esclarecimento.<sup>20</sup> Diferente deles, Mariquita Sanchez não teve sua ida à Europa concretizada. O sonho de respirar os ares tão esperados permaneceu inconcluso. Mariquita Sanchez não deixava apenas as pessoas da corte brasileira acreditarem que era européia, ou que tenha estado por lá, talvez ela mesma tenha se convencido de tal fato. Na sombra da frase grifada podemos ler seu suspiro: “*yo también creo*”.

O exílio e as molduras da nação são vestígios da guerra biopolítica. A vida nua se abre e desenha com sangue as fronteiras dos mundos. No entre-lugar da passagem, no limiar da vida, há apenas os restos, as cinzas, da exterioridade que não cessa em vir.

---

<sup>19</sup> É importante lembrar que para Alberdi “povoar é civilizar quando se faz com gente civilizada, isto é, com populações da Europa civilizada. Povoar, porém, não é civilizar, senão embrutecer, quando se povoa com chinos e índios da Ásia e negros da África. Povoar é empestar, corromper, degradar, envenenar um país, quando, em vez de servir-se da flor da população trabalhadora da Europa, se povoa com o lixo da Europa atrasada e menos culta”. Cf. ALBERDI, Juan. Bautista. **Bases y puntos de partida para la organización política de La República Argentina**. Buenos Aires: Losada, 2004, p. 37.

<sup>20</sup> SARMIENTO, Domingos. Faustino. **Viajes**. Buenos Aires: Belgrano, 1981, p. 135.